

Contar, &c. que mais pertencem ás faculdades do entendimento, que da vontade: e pelo contrario deve ir ao subjunctivo, todas as vezes que o da principal e determinante afirmar com duvida e receio em razão do seu objecto ser contingente. E taes são os verbos de *Ignorar*, *Duvidar*, *Temer*, *Esperar*, *Desejar*, *Mandar*, *Pedir*, *Acontecer*, e outros semelhantes, que mais pertencem á vontade que ao entendimento. Porque todos envolvem em si alguma especie de incerteza, quanto a seu objecto futuro.

Por esta razão diremos: *Sei que vem*, *Duvido que venha*, *Fulgo que virá*, *Temo que não venha*, *Dizem que veio*, *Dizem que viera*, *Gosto que viesse*, *Temi que não viesse*: e não ás avessas *Sei que venha*, *Duvido que vem*, *Fulgo que vier*, *Temo que não vem*, *Dizem que viesse*, ou *que tivesse vindo*, *Gosto que viera*, *Temi que não viera*.

Esta mesma regra he applicavel a todas as conjuncções, ou frases conjunctivas, em que entra o mesmo *Que*. Aquellas, que affirmão hum objecto certo, ou o supõem, como: *Visto que*, *Ja que*, *Por que*, *Por quanto*, *Pelo que*, *Assim que*, *Eis que*, *Tanto que*, *Logo que*, &c. requerem a Linguagem subordinada no indicativo.

Pelo contrario aquellas, que supõem duvida, e incerteza alguma em seu objecto, como *Por que*, *Comtanto que*, *Sen que*, *Antes que*, *Caso que*, *Uste que*, *Por mais que*, *Como quer que*, *Quanto que*, *Se por ventura*, como se &c. todas estas demandão na proposição subordinada a Linguagem subjunctiva. Aquellas porém, que são indifferentes, e que não formem o sentido de quem fala, são susceptíveis já de certeza, já de duvida, como: *De sorte que*, *Da tal sorte*, *modo*, ou *maneira que*, *Ainda que*, *Bem que*, *Posto que*, *Se*, *Ou*, &c.: estas podem-se ajuntar, segundo as circumstancias, ou com o modo indicativo,

ou com o subjunctivo. O que tudo (torno a dizer) mostra, que não he a conjuncção *Que*, quem determina a proposição subordinada a tomar hum ou outro modo; mas sim a afirmação, ou decisiva ou recosa, do verbo determinante, quer seja do indicativo, quer do subjunctivo mesmo, e do infinito.

Por isso as frases interrogativas ou negativas ainda dos verbos de *Cuidar*, *Dizer*, &c. que costumão levar as subordinadas ao indicativo; quando exprimem alguma duvida, levão-as então ao subjunctivo, como: *Cuidas tu que, quando Deos formou a Republica das abelhas, não quizesse ao mesmo tempo com seu exemplo ensinar os Reis a governarem os povos com doçura, e os povos a obedecerem aos Reis com amor? Eu não me persuadia que as couzas sahisses tão mal.* O mesmo passa com os demonstrativos conjunctivos *Que*, *Qual*, *Cujo*, precedidos de huma frase interrogativa, ou de outra qualquer, que indique duvida, desejo, condição, ou couza semelhante, como: *Ha por ventura alguém, que pela vista do universo não venha no conhecimento de seu auctor? No coração do homem não ha movimento algum bom, que não venha de Deus.*

Téqui temos visto as relações, que por ordem ás proposições subordinadas, tem o modo indicativo consigo mesmo, e com o subjunctivo. Porém ainda resta vér as relações de correspondencia, que os tempos do indicativo tem huns com outros, e estes com os do subjunctivo para determinarem mais huns do que outros. Pois nem todos podem determinar a todos, e os que determinão se são determinados seguem certas regras fundadas na natureza mesma destes tempos, e que por isso serão adoptadas pelo uso quasi universal de todas as Linguas, como vamos a vér.

R E G R A I.

Quando o primeiro verbo está no presente, ou no futuro do indicativo, o segundo verbo póde ir a qualquer tempo do mesmo modo, tractando-se de verdades contingentes; e tractando-se de verdades necessarias, todos os tempos do primeiro verbo podem levar o segundo ao presente.

Quando porêm o primeiro verbo está em qualquer dos preteritos ou imperfeitos ou perfectos, o segundo não póde deixar de ir tambem a outro preterito ou imperfeito, quando a couza não foi acabada, ou perfeito, quando o foi. O que melhor se verá na seguinte

T A B O A I.

Da correspondencia dos Tempos do Indicativo entre si.

<p>O presente e futuro imperfeitos correspondem</p>	<p>a todos os tempos nas verdades contingentes.</p>	<p>{ Digo Dize tu Direi</p>	<p>{ Que fazes, ou tens feito bem. Que fazias bem. Que fizeste bem. Que tinhas feito, fixeras, ou terias feito bem. Que farás bem, se . . . Que terás feito bem, quando</p>
<p>Todos os tempos correspondem ao</p>	<p>{ presente nas verdades necessarias.</p>	<p>{ Digo Tenho dicto Dize tu Dizia Disse Tinha dicto Direi</p>	<p>{ Que Deus he justo.</p>

O condicional im- } preterito per- } Diria }
 perfeito correspon- } feito relativo } ou } Se *podera.*
 de ao } simples. } Dissera }

Os preteritos } aos mesmos }
 imperfeitos } ou imperfei- } Dizia }
 ou perfei- } tos, quando } Disse }
 tos corres- } a acção não } Tinha dicto }
 pondem. } he acabada, } ou }
 ou perfectos, } ou perfectos, } Dissera }
 quando o he. } quando o he. }
 Que *fazias*, ou *farias*
 bem.
 Que *fixeste* bem.
 Que *tinhas* ou *tiveras* fei-
 to bem.
 Que *terias* feito bem, se...

O condicional } ao preterito }
 perfeito cor- } perfeito, ou }
 responde } simples ou }
 composto. }
 Dissera, }
 ou }
 Teria dicto }
 Se { *podera.*
 { *tivera podido.*

R E G R A II.

O tempo do primeiro verbo no indicativo he quem determina ordinariamente, em que tempo deve estar o segundo verbo no subjunctivo.

Deve-se pois dizer: He necessario que eu *Ame*, e não que *Amasse*. Era necessario que eu *Amasse*, e não que eu *Ame*. Foi necessario que eu *Amasse* ou *Tivesse Amado*, e não que *Tenha Amado*. *Amaria* se eu *Quizesse*, e não se *Quereria*. *Teria Amado* se eu *Tivesse Querido*, e não se eu *Teria Querido*. Será necessario que eu *Ame* ou *Tenha Amado*, e não que *Amar*. *Amarei* se *poder*, e não se *poderei* ou *possa*.

Mas quando o verbo da proposição principal está no presente ou no futuro do indicativo, o da proposição subordinada vai para o presente do subjunctivo, se se exprimir hum presente ou futuro; e para

o preterito, se o que se quer exprimir he ja passado. E quando o verbo da proposição principal está em algum dos preteritos imperfeitos ou perfectos, põe-se o segundo no imperfeito do subjunctivo, se o que com elle se quer exprimir, he presente ou futuro; e no preterito perfeito, se o que se quer exprimir he passado e acabado. O que tudo melhor se verá na seguinte

T A B O A II.

Da Correspondencia dos Tempos do Indicativo com os do Subjunctivo.

O presente do indicativo corresponde ao	}	Presente imperfeito, quando a acção he vinda.	}	<i>Estimo que venhas.</i>
		Presente preterito, quando a acção he acabada.		<i>Estimo que tenhas vindo.</i>
		Preterito imperfeito, quando passada, e não acabada.		<i>Estimo que vieses.</i>

Os preteritos do indicativo correspondem ao	}	Preterito imperfeito, quando a acção he vinda.	}	Estimava	}	<i>Que vieses.</i>
				Estimaria		
				Estimára		
		Preterito perfeito, quando he passada, e acabada.	}	Estimei		
				Estimava		<i>Que vieses vindo.</i>
				Estimaria		
Estimára						
		Estimei				

O futuro do indicativo corresponde ao	{ Presente e aos futuros imperfeitos, quando a acção he futura, e não acabada.	} Estimarei {	Que <i>venhas.</i>
			Se <i>vieres.</i>
	{ Futuro perfeito, quan- do a acção he futura, e acabada.	} Estimarei {	Se <i>tiveres vindo.</i>

Do Modo Subjunctivo, e seus Tempos.

Do que acabamos de observar sobre a correspondencia dos tempos do indicativo com os do subjunctivo, ja em parte se pôde saber o uso, que destes se deve fazer na oração. Porém ainda restão algumas observações sobre as Linguagens imperativas, e sobre as dubitativas e condicionaes deste modo.

As Linguagens verdadeiramente imperativas são so as segundas pessoas do tempo do indicativo assim chamado. Ninguem manda directamente se não a pessoas, com quem fala; e estas não são, nem podem ser outras se não. as segundas. As Linguagens, com que os Grammaticos supprem a falta das outras pessoas do imperativo, pertencem ao presente do subjunctivo, e são por consequencia determinadas por outro verbo claro ou subentendido. Por exemplo: *Ame eu, Amemos nós, Ame elle, Amem elles* he o mesmo que *Praza a Deos*, ou *Faze* com que *Eu Ame*, com que *Nós Amemos*; *Quero*, ou *Mando*, ou *Exhorto*, ou *Permitto* que *Elle Ame*, que *Elles Amem*, &c.

As frases *Dubitativas* são ou contingentes, ou possiveis e hypotheticas. As primeiras nunca se exprimem se não ou com *se* em lugar de *se por ventura*, e com as Linguagens indicativas; ou com *Que*, e com as subjunctivas, como: *Duvido se vem*, ou

Que

Que venha; Duvido se he vindo, ou Que tenha vindo; Duvido se veio, ou Que viesse; Duvido se era vindo, ou Que tivesse vindo; Duvido se ha de vir, ou Que haja de vir.

As possíveis e hypotheticas nunca se podem exprimir senão com *se*, e com as Linguagens condicionaes em *ria*, assim chamadas, não porque levem *se*, quando determinão outras; mas porque as que ellas determinão, levão sempre a dicta conjuncção; e so quando são determinadas pelos verbos de duvidar, he que a admittem, e nunca *Que*, como: *Duvido se viria*, e não *Que viria*; *Duvidei se teria vindo*, e não *Que teria vindo*.

As dubitativas, que levão consigo o affecto de *medo* ou *receio*, sempre se exprimem com *Que* so, quando eu temo succeda huma couza, que não desejo, como: *Temo que me castigue*; ou com *Que* acompanhado de *Não*, quando eu temo não succeda huma couza, que desejo, como: *Temo que me não pague*.

As *Condicionaes* tambem são ou contingentes, ou possíveis so, e hypotheticas. Aquellas affirmão debaixo de huma condição factivel, e estas affirmão debaixo de huma hypothese, ou caso meramente possível. As Linguagens determinantes das primeiras para o presente, e preterito são as indicativas dos mesmos tempos, e as determinadas ou condicionaes lhes correspondem no mesmo modo e nos mesmos tempos: *Sou, se es; Se eras, era eu tambem; Se fui, foste, &c.*: e para o futuro as determinantes são do presente, ou futuro indicativo, e as determinadas do futuro subjunctivo: *Prometto-te, se fizeres; Farei o que me pedes, se puder; Se até á manhã não tiver tido embaraço, por todo esse dia terei feito o que me pedes*.

Quanto ás condicionaes possíveis e hypotheticas, estas tem Linguagens appropriadas tanto para as proposições principaes e determinantes, como para as sub-

ordinadas, que levão a condição. Humas e outras se correspondem sempre nos tempos. Se a primeira e principal he o preterito imperfeito condicional do indicativo em *ria*, a subordinada he tambem o mesmo tempo do subjunctivo em *sse*: *Eu te obsequiaria, Se tu me obsequiasses*: e se a mesma principal he a Linguagem em *ra* do mesmo indicativo tomada como hum preterito imperfeito, a sua subordinada correspondente he outra Linguagem em *ra* do mesmo indicativo tomada tambem como preterito imperfeito: *Se tu me obsequiaras, eu te correspondera*; ou a do subjunctivo em *sse*: *Se tu me obsequiasses, &c.*

Do mesmo modo nos preteritos perfectos condicionaes se a principal he a Linguagem composta em *ria*, a sua subordinada he a correspondente do subjunctivo em *sse*; como: *Eu te teria obsequiado, se tu me tivesses obsequiado primeiro*: e se a principal he a Linguagem simples indicativa em *ra*, tomada como preterito perfeito, a sua subordinada correspondente he outra Linguagem em *ra* do mesmo modo e do mesmo tempo; como: *Eu te obsequiara, se tu me corresponderas*.

Daqui se vê, que a Linguagem condicional em *ra* tanto imperfeita, como perfeita, he a mesma, e que so o sentido da frase he que a determina a tomar-se ou como imperfeita, ou como perfeita. Nossos Classicos melhores e mais antigos, que para hum e outro tempo gostavão mais de empregar a fôrma em *ra* do que a em *ria*, usão a cada passo della para hum e outro tempo. Para o imperfeito João de Barros; *Se Catão fora vivo, me parece se pejava de a pronunciar.* (1) *Se Aristoteles fora nosso natural, não fora buscar Linguagem emprestada,* (2) *E se lhe falecera*
al-

(1) Barros Dial. em louvor da nossa Lingua Edic. de Lisboa 1789 pag. 221.

(2) Ibid. pag. 222.

algum termo socinto, fizera o que vemos em muitas partes ao presente. (1)

Para o perfeito: *Este exercicio se nós o usarmos, ja tiveramos, &c.* (2) *E parece que tivera a fortuna (de seu appellido), se não fôra tam breve p' seu governo.* (3) *Alem de cruel fôra desagradecido, se não aceitára, &c.* (4) *Era o Hidalção liberal, e valeroso, e sem duvida fôra hum grande Principe, se conservára o Reino com as mesmas virtudes, com que soube adquiril-o.* (5)

A regra de a Linguagem subordinada corresponder sempre no tempo á da principal he geral, quando se tracta de acções passageiras. Porém se se tracta de hum estado e qualidade fixa e permanente, então a Linguagem condicional do preterito perfeito demanda não ja este, mas o preterito imperfeito do subjunctivo. Se seu dissesse: *Este homem não teria soffrido aquella afronta, se tivesse sido sensivel*; a expressão não seria exacta, porque se tracta de huma qualidade de temperamento, estavel. Deve-se dizer: *Se fosse sensivel*. Os que para ambas as proposições usão da Linguagem em *ra*, livrão-se deste embaraço.

Deste modo acabamos de dizer tudo o que havia de mais importante sobre a primeira e a principal parte conjunctiva da oração, qual he o verbo. Resta tractar das outras duas, *Preposição e Conjunção*, que são o objecto dos dous capitulos seguintes.

(1) Barros *ibid.*

(2) *Ibid.* pag. 224 e 230.

(3) Jacyntho Freire *Vida de D. João*, edição de Paris 1759 pag. 14.

(4) *Id.* *ibid.* pag. 77.

(5) *Id.* *ibid.* pag. 43.

CAPITULO V.

Da Preposição.

Preposição he huma parte conjunctiva da oração; que posta entre duas palavras indica a relação de complemento, que a segunda tem para a primeira. Assim nestas expressões: *Venbo do Porto, passo por Coimbra, e vou para Lisboa*; as tres preposições *de, por, e para*, postas entre os verbos adjectivos, *Venbo, Passo, e Vou*, e os nomes *Porto, Coimbra e Lisboa*, mostram a relação de complementos, em que estes estão para aquelles.

O verbo tambem he huma parte conjunctiva da oração. Porém tem differenças essenciaes, que a distinguem da preposição. 1.º Quanto aos termos que combinão e ajuntão. O verbo combina e ata entre si os dous termos da preposição, sujeito e attributo: a preposição porém conjunta so as palavras, que servem de complementos ou ao sujeito, ou ao attributo, ou ao verbo da mesma oração. 2.º Quanto á especie de relação. A que o verbo põe entre o sujeito e o predicado, he a relação de *Identidade* e coexistencia de hum com outro: e a que a preposição indica entre seus dous termos, *Antecedente e Consequente*, he a relação de *Determinação*, pela qual aquelle determina este, ou he determinado por elle. 3.º Quanto ao numero de ideas, que cada hum exprime. O verbo, além da sua idea propria e principal da coexistencia dos dous termos, ajunta a esta muitas accessorias, como são a do modo de enunciação, a do tempo, a do numero, e pessoas, e ainda a de hum attributo, se he verbo adjectivo; que por isso he huma parte grande da oração e não particula, huma parte declinavel e summamente variada em suas terminações para poder

der comprehender toda esta variedade de ideas, e huma parte em fim, que póde ser composta, e derivada de outras.

A preposição porém não indica senão huma unica idea, e esta geral e simplicissima, qual he a relação de complemento, em que hum objecto está para com outro; a qual relação he hum mero aspecto, e huma vista momentanea, com que nosso espirito considera huma idea em respeito a outra. Daqui vem

1.º Que o mecanismo da Linguagem imitando com os vocabulos, quanto lhe he possível, a natureza das ideas, não podia deixar de escolher para representar esta relação simplicissima se não palavras curtas e monosyllabas, chamadas *Particulas*, como escolheu em todas as Linguas. Por isso qualquer palavra polysyllaba, que se queira introduzir na Grammatica, como preposição, se faz suspeita pela sua mesma extensão.

2.º Que toda preposição sempre he huma palavra indeclinavel e invariavel, simples e não composta, primitiva e não derivada. Porque a declinação, composição, e derivação dos vocabulos não se faz senão para concentrar em huma palavra com sua idea principal outras accessorias; o que não cabe na preposição, que, como vimos, exprime huma idea so, e essa simplicissima.

3.º Que exprimindo a preposição huma relação, e toda a relação tendo necessariamente dous termos pelo menos, ella requer por consequencia duas ideas para combinar, huma *Antecedente*, e outra *Consequente*; e requer outrosi estar no meio dellas segundo a ordem da construcção direita e analytica. Digo: *Segundo a ordem da construcção direita e analytica*, porque na invertida muitas vezes succede o contrario, ou por necessidade, quando os complementos das preposições são alguns dos demonstrativos, ou puros, ou con-

conjunctivos, como: *D'isto se segue, D'o que se segue*: ou por elegancia, como: *De Coimbra a Lisboa vão tantas legoas*, quando a ordem seria: *Tantas legoas vão de Coimbra a Lisboa*, ficando as preposições *de* e *a* entre o verbo *vão*, e os seus respectivos complementos.

4.º Que, como a segunda idea sempre he complemento da primeira, segue-se, que esta he sempre incompleta. Ora huma idea póde ser incompleta de dous modos, ou por ser vaga e geral, e por consequencia susceptivel de determinação; ou por ser relativa, e demandar por consequencia hum termo, que complete sua relação. Daqui duas especies de complementos, huns *Determinativos*, e outros *Terminativos*. Quando digo: *O livro de Pedro*; a preposição *de* com o nome *Pedro* he hum complemento determinativo; por que determina, e restringe a significação geral e vaga da palavra *livro*. Porém se digo: *O filho de Pedro*; o mesmo complemento ja he terminativo; porque serve de termo á significação relativa da palavra *Filho*, que o requer. As palavras de significação relativa tambem o são de huma significação vaga, mas não ás avéssas.

Daqui se segue que a palavra, que serve de termo antecedente á preposição, devendo ter huma significação vaga e indeterminada, e não havendo outras desta natureza senão os nomes appellativos, e os adjectivos explicativos e restrictivos; estes so, e não outros, são os que podem ser antecedentes da preposição: bem entendido, que nesta conta entrão tambem os verbos adjectivos e os adverbios; porque aquelles levão consigo o adjectivo, e estes o substantivo appellativo.

Pelo contrario não podem ser antecedentes da preposição nem os nomes proprios, nem os adjectivos determinativos, menos quando são partitivos. Porque o que he determinado e determinativo, não he susceptivel

vel de novas determinações. Mas se não podem ser antecedentes da preposição, podem ser consequentes da mesma, como também os nomes appellativos, quando sua significação geral he mais restricta que a do antecedente.

A preposição nunca póde ser nem antecedente, nem consequente de outra. Porque indica so huma relação entre duas ideas, e por si não significa idea alguma; o que era preciso ou para poder ser determinada, ou para servir de termo e complemento a outra preposição. Quando pois se encontrão duas preposições seguidas antes de hum mesmo consequente, como: *Perante o Juiz, Por de traz, Por diante, Per entre os perigos, Para comigo, Para com elle*, a segunda nunca he complemento da primeira, mas ambas tem hum complemento commum, do qual exprimem duas relações ao mesmo tempo.

E pelo contrario hum signal certo de que huma palavra não he preposição, he quando a mesma he ou precedida, ou seguida de preposição: e taes são muitos nomes e adverbios contados de nossos Grammaticos como preposições; que estão tão longe de o ser, que antes servem ou de antecedentes á preposição, que se lhes segue, ou de complementos á que lhes precede, como logo veremos.

Explicada assim a natureza da preposição, postos os principios, em que a mesma se funda, e deduzidas delles as legitimás consequencias; passemos ja a examinar 1.º quaes são as verdadeiras preposições Portuguezas, e quaes não: 2.º como se podem classificar: 3.º e como as mesmas com seus complementos se reduzem a huma menor expressão pelos *Adverbios* em todas as Linguas, e pelos *Casos* naquellas, que os tem. O que fará a materia dos quatro artigos seguintes.

ARTIGO I.

Do numero das Preposições Portuguezas.

Nossos Grammaticos contão na Lingua Portugueza até quarenta preposições, que pela sua ordem alphabetica são as seguintes: *A, Abaixo, A'cerca, Acima, Afora, Além, Ante, Antes, Apoz, A'quem, Arroda, Aoredor, Até, Atraz, Com, Contra, Conforme, De, Debaixo, Decima, Defronte, Detraz, Dentro, Depois, Diante, Desde, Em, Entre, Excepto, Juncto, Longe, Perto, Para, Per, Perante, Por, Segundo, Sem, Sob, e Sobre.* A palavra *Cerca*, que João de Barros conta como preposição, e *Fóra, Póz, Traz*, de que tambem usão nossos Escriptores, são as mesmas que *A'cerca, Afora, Apoz, Atraz.*

De todas estas quarenta palavras so dezeseis são preposições sem duvida alguma, a saber: *A, Ante, Apoz, Até, Com, Contra, De, Desde, Em, Entre, Para, Per, Por, Sem, Sob, Sobre.* As mais todas ou são nomes, ou adverbios, e como taes devem ser tiradas da posse injusta, em que as puzerão nossos Grammaticos.

São nomes substantivos servindo de complementos ás preposições que os precedem, quer separadas, quer incorporadas na mesma palavra, as seguintes: *A baixo, De baixo, A cima, De cima, A'cerca, De frente, A'roda, Ao redor*: porque todas estas palavras se achão empregadas pelos nossos Classicos, e no uso actual da Lingua como substantivos sem preposição alguma; e com ella ficão sendo o mesmo que erão sem differença alguma mais do que servirem de complementos á preposição, bem como os mais nomes. Se fossem preposições, mal podião ser complementos d'ellas;

las; porque huma preposição nunca pôde ser complemento d'outra, como deixámos demonstrado.

São adverbios ou expressões adverbias as seguintes: *A fora, Além, A quem, Atraz, Conforme, De traz, Dentro, Depois, Diante, Excepto, Juncto, Longe, Perto, Segundo.* Huma prova evidente disto he, que todas estas palavras, á excepção de *Conforme, Excepto, Segundo*, se achão na oração ou precedidas ou seguidas de preposição; e a maior parte dellas precedidas e seguidas della ao mesmo tempo. O que não podia ser, se ellas mesmas fossem verdadeiras preposições. Pois huma preposição nunca pôde ser nem antecedente, nem consequente de outra, como acima fica mostrado.

Se as palavras *Conforme* e *Segundo* se achão sem preposição nem dantes nem depois, e seguidas immediatamente de seus complementos, como succede nas verdadeiras preposições, he porque tendo huma significação relativa, como os adjectivos *Conforme Conformes, Segundo Segunda*, donde se derivarão, era facil entender entre ellas e seus complementos a preposição *á*, a qual se expressa em seus primitivos, quando por ex. dizemos: *Julgar segundo*, ou *conforme ás Leis*, que he o mesmo que *Julgar seguindo*, ou *conformemente ás Leis*. Quanto á palavra *Excepto*, ella he hum participio passivo, contrahido de *Excéptuado*: e quando dizemos: *Excepto isto*, he o mesmo que *Sen lo isto exceptuada*. Em todo o caso huma palavra polysyllaba, derivada, e ella mesma nome adjectivo adverbiado, como estas são, nunca podia ser preposição pelas razões acima ponderadas.

Das palavras acima so em duas poderia haver duvida, se são ou não, verdadeiras preposições; que são *Diante* e *Traz*. Nossos Classicos as empregão algumas vezes como preposições, pondo-as entre hum

antecedente e hum consequente absolutamente, sem as fazer preceder, nem seguir de outra preposição, como: *Chegando* diante *ella*, *Traziaõ* diante *si*, *Postos huns traz outros*, *Traz os Montes*, &c.

Mas as mais das vezes usão dellas como de adverbios, ja fazendo-as complementos de outras preposições, como: *De diante*, *Para diante*, *Em diante*, *A traz*, *De traz*, *Para traz*; ja fazendo-as antecedentes de outras, como: *Diante de mim*, *Diante de outrem*, *Atraz da porta*, *Detraz da porta*, *Por detraz de mim*; ja em fim usando dellas como de puros adverbios: *Hir por diante*, *Daqui em diante*, *Deixar atraz*, *Tornar atraz com a palavra*, &c. Determinado pois assim o numero de nossas preposições, passemos ja a examinar as funcções e propriedade de cada huma dellas para as reduzir, se possivel for, a certas classes, e fixar por este modo seu emprego no discurso.

Quasi todos nossos Grammaticos, e Lexicographos, dão por homonymas muitas das nossas preposições, pretendendo que huma mesma preposição exprima varias relações communs a outras, segundo o uso assim o quiz. Que a preposição *a* por exemplo

Está em lugar de *com* nestas expressões: *Estar a mil modos atado*: *Dizer á bocca aberta*: *Pedir a altas vozes*.

Em lugar de *contra* nestas: *Foi-se a elle*: *Lançar barro á parede*.

Em lugar de *de*, quando digo: *Querer á boa mente*.

Em lugar de *em*, como: *Que arte á sua guerra*, *á sua paz achamos*.

Em lugar de *para*, e *para com*, como: *Viver a si*, e *não para os outros*: *Grandes queixas a Deos*, e *ao mundo*.

Em lugar de *por*, como: *Requerer á honra de Deos*:

Deos: A' mingoa de ferro rapavão as barbas com pedras agudas.

E finalmente em lugar de *sobre*, como: *Trazer ás costas: Pôr ás costas.* Vej. o Diccionario da Academia de Lisboa.

O mesmo succede com a preposição *de*, que dizem se confunde

Ja com *em*, como: *De dia, De noite, De madrugada.*

Ja com *para*, como: *Facil de digerir, Difficil de alcançar.*

Ja com *por*, como: *Fugi de medo: Chorei de gosto.*

Ja com *com*, v. gr. *Fez isto de proposito, e de má vontade, &c.*

A ser assim, ficarião as preposições confundidas humas com outras, seu uso arbitrario e incerto, e frustrada a empresa de as reduzir a certas classes segundo suas propriedades. O uso porém não he tão cego e despotico, que não siga em seus procedimentos alguma razão e ordem, que cumpre indagar, para não fazer da Grammatica huma collecção mera de observações desvairadas, devendo ser hum systema razoado de analogias. Isto he que passamos a mostrar com as observações seguintes.

1.^a Observação.

O primeiro destino das preposições foi indicar as relações entre os objectos sensiveis por ordem ao lugar, que occupão em hum espaço, ou ao movimento, que no mesmo fazem. Mas como as mesmas relações, que ha entre os objectos sensiveis, podem tambem haver entre as ideas abstractas, que, como aquelles, são igualmente objectos de nossos pensamentos, e as ideas abstractas o podem ser mais, ou menos;

qui vem, que huma mesma preposição pôde ter lugar em casos bem dissimilhantes, de sorte que ás vezes as ultimas acceções apartão-se tanto das primeiras, que perdendo-se de vista o fio da analogia, pelo qual a preposição foi passando gradualmente de hum uso a outro, não será facil dar a razão da differença entre as suas primeiras acceções e as ultimas. Com tudo he certo, que a ha.

Quem por ex. pôde duvidar, que nestas expressões: *Viver á lei da natureza, Vestir á moda, Trajar á Franceza*, se não entenda por ellipse o adverbio *Conformemente*, para ser o antecedente proprio da preposição *a*? E se o he, porque o não será tambem nesta: *Falar a torto, e a direita*? Se falar *conformemente a direito* ainda se diz em bom Portuguez, porque se não entenderá o mesmo adverbio, quando dizemos *Falar a torto*? Pois *torto* he igualmente complemento da preposição *a*, como o he a palavra *direito*, e na mesma frase, e de baixo da mesma relação?

Com tudo, não obstante assim o pedir a razão, ja fica mais dura a expressão, pondo-se-lhe claro o mesmo antecedente deste modo: *Falar conformemente a torto*; e á vista disto ja não parecem tão duras e escabrosas muitas outras expressões, em que a analogia pede se entenda o mesmo adverbio, como: *Fazer á boa mente, Tomar á peor parte, Roubar mais a seu seguro, Morrer á fome, Pelejar a pé quedo, a cavallo, Passar tudo a ferro, fogo, e sangue; Andar ás cegas; ás apalpadelas, ás avessas*; e nestas: *A saber isto, não faria, &c. A ser assim, não quero, &c.* expressões; em que nossos Grammaticos dizem estar a preposição *a* em lugar da conjuncção *se*, fazendo as frases condicionaes. O que não podia ser sem perturbar todas as ideas, que temos de Grammatica e de Logica.

De tudo isto se segue que, huma vez que o uso
de

de nossa Lingua adoptou a preposição *a* para exprimir a relação de *Termo para onde* em geral, e em particular o de conformidade entre dous objectos, como os Latinos empregavão a sua *ad* para o mesmo fim, como: *Vivere ad similitudinem, non ad rationem*: todas as vezes que o complemento della significar o modo e fórma de qualquer acção, e não tiver antecedente claro, este se deve supprir pelos adverbios *Segundo, Conforme*; ainda que, expressados elles, fação mais extranha a frase, por se usar della so-ellipticamente.

Em todas porém se percebe o fio da analogia primitiva para não ser necessario confundir humas preposições com outras. A relação geral exprimida pela preposição he sempre a mesma. Os complementos della são os que varião, e parecem mais ou menos duros, segundo se apartão ou chegão mais áquelles, com que a preposição se juntou ao principio.

2.^a Observação.

A segunda observação he, que, sendo o antecedente de qualquer preposição sempre hum termo ou relativo, ou vago; no primeiro caso he preciso não confundir a relação particular do termo com a geral indicada pela preposição, antes fazer sempre distincção de huma e outra. Sem esta distincção a mesma preposição poderia parecer destinada a significar diferentes relações, e ainda oppostas.

Estas frases: *Dar alguma couza a alguém, Tirar alguma couza a alguém; Dizer bem de alguém, Dizer mal de alguém*, fazem hum sentido contrario. Porém a contradicção não está nas preposições *a* e *de*, que constantemente exprimem, aquella hum termo a que se dirige huma acção ou relação, e esta hum termo donde parte ou depende qualquer acção, ou relação, ou que se olha como tal, para delle como prin-

cipio ou efficiente, ou determinante se enunciar qualquer couza. A contradicção está toda nas differentes ideias relativas dos dous antecedentes da preposição *a*, que são *Dar e Tirar*, e entre os da preposição *de*, que são *Dizer bem e Dizer mal*.

Quando o antecedente da preposição *a* não tem huma significação relativa, que demande hum termo para onde, elle não pôde ser o verdadeiro antecedente da preposição. Necessariamente se lhe ha de então entender outro de fóra, que por ellipse se occulta. Taes são ordinariamente

1.º *Por respeito*, ou *Relativamente*, nestas expressões: *Que arte* (suppl. *Respeito*) *á sua guerra, á sua paz achamos?* *Este rio* (suppl. *Relativamente*) *a lugares tem quatorze e quinze braças de fundo: Que ao rico*, a quem mais, *todos acodem*, (1) isto he: Porque *todos acodem ao rico* á porfia ou competencia, *quem mais acodirá?*

2.º *Conformemente*, como: *Viver* (conformemente) *á Lei da natureza, á moda: Falar a proposito: Mandar á instancia do Povo.*

3.º *Juncto, Proximo, ou Inmediatamente*, como: *Está a partir: Está a morrer: Correr ao longo do rio: Sentar-se á direita: Chegar á noite, a o pôr do sol.*

4.º *Té, ou Até* nestas e semelhantes expressões: *Comprar a tanto, a tres por cento: O arratel de uvas val a dez réis*, isto he, *Até dez réis*, e não, *Por dez réis*, como Argote diz julgando que a preposição *a* se põe em lugar de *por*.

5.º *Virado* (versus) nestas e semelhantes locuções: *Ao Norte, Ao Sul, Ao Nascente, Ao Poente: Lançar barro á parede: Hir-se a elle: A's avessas: A' direita, &c.*

6.º